

## **Black Blocs mineiros: por trás das máscaras (2016)**

**Eduardo Turcatto**

Graduando em Ciências Sociais, UNISINOS, membro do Grupo de Pesquisa de Educação Digital da Unisinos  
[duduturcatto@hotmail.com](mailto:duduturcatto@hotmail.com)

**José Enes Alves Braga Júnior**

Graduando em História, UFAL, membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em História, Sociedade e Cultura  
[juniorfenrir@hotmail.com](mailto:juniorfenrir@hotmail.com)

**Vitor Rafael Monteiro Lima**

Graduando em História, UFAL, membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em História, Sociedade e Cultura  
[vittormonteiro.94@hotmail.com](mailto:vittormonteiro.94@hotmail.com)

### **RESUMO**

Objetivo deste artigo é analisar as entrevistas do sociólogo Victor José Alves Fernandes da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, para entender as motivações que os levaram a se manifestarem de forma mais radical, o que pensam e quem são os black blockers. Seis participantes do black bloc de Belo Horizonte são entrevistados, as idades, a classe, a etnia e o grau escolar variam e, com exceção do segundo, que se diz apolítico, os outros cinco se identificam ou/e se afirmam como anarquistas. As perguntas são produzidas a partir de temas relacionados à tática: mobilização, ação direta, objetivos, violência e relações de gêneros e conflitos internos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Black Bloc; Ação Direta; História Contemporânea.

### **Introdução**

O black bloc é uma reunião de pessoas

Livremente organizado, formado por grupos de afinidade e indivíduos que perambulavam pelo centro da cidade, tomando uma determinada direção, ora por causa de uma fachada de loja significativa e vulnerável e ora por avistar um contingente policial (LUDD, 2002, p. 59).

O entrevistado 1 (FERNANDES, 2016, p. 118-21) expressa que diversos grupos participam de black blocs: o primeiro grupo é o ALF (*Animal Liberation Front*), anarquistas ou simpatizantes dessa ideologia que defendem os direitos animais; o segundo é composto por anarcopunks, eles podem ou não estar organizados em coletivos e “não necessariamente têm algo em comum para além do fato de apreciarem as práticas, os costumes e a estética

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

emergentes da junção do punk com o anarquismo”, o entrevistado diz que muitos punks estão nos black blocs. Os black blockers conseguem abarcar pessoas de outras causas como as que lutam pelos animais, os punks mais politizados são da vertente do anarcopunk, porém não necessariamente porque têm acesso a materiais anarquistas.

O terceiro grupo, “ativistas independentes”, que não estão em um coletivo, movimento social ou organização política e unem-se as manifestações temporariamente ou convocam-nas por si mesmos, a mobilização acontece por meio de seus contatos e, não obstante, os ativistas independentes podem ser conhecidos ou não; o quarto grupo, anarquistas que moram em periferias, esses são militantes que moram nas periferias de Belo Horizonte e fazem militância por algum coletivo. Deste modo, a mobilização acontece por meio de grupos de afinidade independentes e autônomos pelos quais formam os black blocs. Os black blockers nem sempre são organizados, os desorganizados podem incorrer no erro de facilitar infiltração e estragar as ações contra os patrimônios e, até, a polícia.

O entrevistado 2 diz que as manifestações dos black blocs são de classes mais privilegiadas: média, branca e universitária (FERNANDES, 2016, p. 120). O entrevistado 1 traz uma experiência dele no black bloc belo horizontino, ele divide-os em organizados e não organizados, os primeiros, segundo esse, organizam-se, mas acabam fazendo as coisas dos seus jeitos e excluem os independentes, os segundos, não querem mobilização e sim apenas agir, acontecem vários rachas e mobilizações e porque uns querem se organizar e outros apenas ir à prática:

Tipo, às vezes a galera quer se organizar cada vez mais, e ninguém se entende direito. Cada um quer uma coisa; uns caras acham que não tem que ter estratégia, que é chegar lá e ver o que pega. Outros querem fazer o *rolé* ficar bem organizado... nisso, os independentes ficam sem lugar, e sem voz. A galera participa, mas quando começa a organizar demais, eles participam do seu próprio jeito. Acabou que, no quarto dia e depois, ou *se pá* até antes, a galera estava se separando em mais de um bloco (FERNANDES, 2016, p. 122).

O primeiro concorda com o militante estadunidense A. K. Thompson, ou seja, o bloco é para classes privilegiadas, o segundo destaca os organizados e espontâneos, estes parecem fetichizar as ações dos black blocs e podem levar à tática à ruína antes de começar dependendo da manifestação, aqueles têm menos chances disso acontecer, não obstante, parecem não aceitar os não organizados por motivos organizacionais.

A mobilização organizada de um black bloc (FERNANDES, 2016, p. 122) passa por um processo de reunião em que indivíduos deliberam o que farão e como agirão em determinada manifestação, depois começa o trabalho de falar com interessados e repassar o que foi decidido. As reuniões são importantes para serem tomadas decisões como evitar infiltrados, o que será e o que não será destruído e se vai ser mais ofensiva ou defensiva, isso pode fazer com que as ações sejam mais sucedidas na medida que são pensadas previamente.

O entrevistado 1 destacou que várias pessoas não aceitarão o que for decidido em reunião e outros nem saberão da existência dessa reunião por vários motivos. A entrevistada 6 participou da reunião da organização de um black bloc em Belo Horizonte e relata como foi mais segura e mais organizada, a forma como as pessoas são convidadas para participar, as pessoas passam as informações para as outras através da boca a boca:

As pessoas se conheciam [...]. Era um pessoal que eu já conhecia desde o movimento punk, uma coisa restrita. Era tudo organizado por vias seguras, né? Para ficar mais difícil da polícia ter acesso. Então, foi bem organizado, eu acho. Eu não participei das rodas de conversa, mas eu tenho certeza que se chegasse um cara aleatório e sentasse, ele seria expulso. Então só estava lá quem era conhecido. Se um conhecia o outro, então podia entrar (FERNANDES, 2016, p. 123).

Como destacado anteriormente, as reuniões são importantes por diversos motivos como aqueles, mas também pela segurança dos manifestantes, afinal, eles estão transgredindo várias leis como esconder o rosto e destruir os patrimônios públicos ou privados. Até a forma como as pessoas foram convidadas para a reunião pode dizer muito sobre o nível de organização da tática em determinado momento.

O antropólogo David Graeber (2009, p. 289) resume os quatro papéis divididos pelos militantes de grupos de afinidade, na maioria das vezes: “ao de facilitador do processo de tomada de decisão no grupo, o de responsável, na efetivação da ação direta, por cuidados médicos, o de responsável técnico por eventuais e necessários procedimentos jurídicos e, enfim, o de delegado do grupo de afinidade” e afirma também que se a reunião for composta por indivíduos que se conhecem, então dificilmente aqueles papéis não serão divididos. Esse destaca pessoas que têm interesses em comum ou são simpatizantes de determinada causa e participarão em um mesmo grupo, isso pode fazer com os diálogos internos sejam mais favoráveis e ajudem a organizar ações futuras.

As reuniões das entrevistadas 5 e 6 vão além do que Graeber discute; a 5 relata que as reuniões que participou tanto foram divididos os papéis dos militantes como discutiram como

praticar a ação direta de forma harmônica, logo, era preciso definir “objetivos comuns, meios comuns, uma estética minimamente comum e fazer com que tudo isso fosse publicitado para [...] promover o anarquismo e a própria formação de black blocs” (FERNANDES, p. 123-4). Mais uma vez o destaque na importância da organização prévia com o acréscimo da experiência do antropólogo em um black bloc.

Esta forma de mobilizar as pessoas é semelhante com a classificação de movimentos sociais que se distinguem de outras ações coletivas. Um black bloc é diferente de um movimento social porque é temporário, aparece somente em manifestações e é formado a partir de ativistas independentes e/ou militantes ligados a um grupo de afinidade, esse tipo de mobilização organizada passa por uma reunião com regras e objetivos decididos coletivamente para convidar mais pessoas a aderirem à tática e à formação de um bloco, isso não impede que outras pessoas que não participaram da reunião entrem no bloco quando esse estiver em marcha, há blocos organizados previamente e outros, espontâneos.

Os entrevistados 2 e 3 relatam o que os levou a entrar no bloco: “A construção e contraposição de interpretações pessoais dos protestos representou, para os dois rapazes, um processo fundamental para a mobilização política” (FERNANDES, 2016, p. 127), eles acreditam que as Jornadas de Junho de 2013 aconteceram sem planejamento e com a intenção de expor uma revolta que estava guardada, os dois começaram a se interessar por política a partir das redes sociais. Para muitos jovens independentes, as Jornadas de Junho de 2013 foi a porta para o mundo da política, muitos se identificaram com diversas ideias mais à direita, outros, mais à esquerda.

O cientista político Rudá Ricci compara o black bloc a um enxame de abelhas:

Como todo enxame, não se sabe ao certo como surgiu e por qual motivo se dispersou [...]. Relaciona-se com a noção de comunidade provisória, fortemente articulada com a identidade afetiva e com a convocação horizontalizada” (2014, p. 33 *apud* FERNANDES, 2016, p. 129).

O sociólogo Victor Fernandes (2016, p. 130) afirma que o black bloc pode ser caracterizado como “enxame” por falta de um projeto e de uma identidade única, porém as ações deles não são irracionais, ele ainda sugere que as pessoas que estão incluídas no terceiro tipo de mobilização, auto-organização/ação direta, primeiro, têm uma tendência de participar dos blocos quando estão em marcha, legitimando-os como uma forma de se comportar durante o protesto; segundo, tendem a participar também do black bloc pós-compartilhamento

e discussão em rede social, esta acaba servindo de mediador para essa comunicação entre os indivíduos, não limita a discussão a um círculo fechado e agregando mais pessoas para além do grupo de afinidade; e o terceiro, tende também a participar do bloco uma pessoa que o viu em ação e decidiu imitar, e não estavam certas para entrar nesse necessariamente. Muitos participantes de black blocs entram no bloco sem organização prévia, mesmo os legitimando, esses podem estragar as ações por não saberem o que foi combinado anteriormente, ficam informados das convocações para participarem dos blocos através de páginas de redes sociais como *Facebook* ou *Twitter* ou, ainda, por grupos de *Whatsapp*.

O sociólogo relata também sua experiência no ano de 2014 durante o primeiro protesto contra Copa do Mundo da FIFA no Brasil, nota-se claramente a diferença das classes citadas por outros estudiosos e em outros protestos para as classes que participaram deste, além de parecer que o bloco foi formado espontaneamente, ele diz ainda que a manifestação que participou houve um black bloc formado e “pareceu organizado”, negros e pessoas de classes mais desabastadas eram hegemônicos, esses queimaram uma bandeira do Brasil, arrancaram o teto de um ponto de ônibus para utilizar como escudo e não saiam de perto uns dos outros, em volta deles,

Uma porção de pessoas, com rostos cobertos por camisas, corria incessantemente para todos os lados, depredando vários estabelecimentos e agindo de forma que a mim não pareceu seguir nenhuma coordenação específica. Preocupavam-se tão-somente em se manter relativamente próximos ao grupo geral de manifestantes, evitando o encontro a sós com policiais (FERNANDES, 2016, p. 131).

Deste modo, grupos e pessoas com ideias, etnias e classes diferentes organizados previamente ou surgindo espontaneamente por ter visto algum comunicado nas redes sociais estão contidos nos black blocs, juntos ou divididos em diversos blocos por concordarem ou discordarem por vários motivos. Os black blocs mais organizados têm menos chances de sofrerem infiltrações ou rachas porque as decisões tomadas nas reuniões levam a divisão de tarefas e como agirão nos protestos, entretanto, sempre podem aparecer indivíduos espontaneamente e, sem terem participado do planejamento, acabem atrapalhando as ações.

As redes sociais tanto os ajudam como os atrapalham, muitas pessoas podem aparecer por verem os comunicados e isso acaba legitimando as ações, e a grande quantidade de indivíduos pode causar ou/e aumentar a desorganização. A partir da fala dos entrevistados, pode se notar um movimento conflituoso entre a segurança e o crescimento da tática. Se, por

um lado, o black bloc cresce e se legitima principalmente por novos integrantes, muitos destes desconhecidos para o grupo de afinidade, tanto nas reuniões como participando dos blocos nas ruas, o que possibilita maior voz e força ao black bloc, por outro lado isto diminui a segurança e, conseqüentemente, pode afetar a organização e eficácia da tática.

### **Ação direta e objetivos**

Os entrevistados 1 e 3 (FERNANDES, 2016, p. 132-3) divergem nas opiniões sobre a ação direta, o 1 acredita que a ação direta dos black blocs é auto-organizada e surge de modo espontâneo nas ruas; o 2 afirma o contrário, é organizado e acontece a partir de deliberações em reuniões antes das manifestações e limita-se apenas ao enfrentamento com os policiais.

Aquele afirma que essa “auto-organização” está ancorada em três motivos: primeiro, um black bloc é formado por diversos grupos de afinidade com meios e objetivos diferentes; segundo, a tomada de decisão está ligada a um pequeno número de indivíduos que participam das reuniões deixando a maioria sem poder de decisão e isso ocorre, segundo o entrevistado um, porque as reuniões são de *amilitantes* (contrários a organização formal de esquerda) fechados em seus grupos, eles abrem para outros ativistas independentes falarem, e são vencidos por um subgrupo dentro da reunião; terceiro, black blockers acreditam que sabem como os outros aos seus lados agirão no protesto.

Não obstante, as reuniões com intenção de organizar os black blocs belo horizontinos para irem preparados para agirem foram importantes, mas se prologaram muito e as discussões foram à exaustão. A entrevistada 5 diz que estava mais confortável pós-reunião porque foi mais preparada para resistir aos confrontos com a Polícia Militar, a Entrevistada 6 descreve a ação para diminuir o efeito do gás lacrimogênio atirado pelos agentes de segurança do Estado na manifestação: “Então o pessoal, eu sei que eles estavam assim. Com proteção, com muita roupa para não machucar. E tinha uma organização de pegar água, de levar água, de pegar galão de água para afundar o gás” (FERNANDES, 2016, p. 134).

A entrevistada 6 descreve também que a organização foi consumida por causa do outro bloco espontâneo que decidiu agir junto ao bloco organizado, ou como o autor chama “imitação” (Idem), um grupo maior de black blocs estava enfrentando a Polícia Militar e destruindo as propriedades públicas e privadas, um grupo menor e desorganizado uniu-se as ações desses. O entrevistado 4 reclama do nível de desorganização, ele (FERNANDES, p. 135) mesmo relata uma “inobservância de princípios éticos e organizativos da tática, falta de

solidariedade e exposição de outros militantes”, a causa disso foi a ação simultânea entre black blocs organizados com desorganizados e formados na hora do protesto, a vida dos próprios black blockers estava em risco. Mesmo não querendo participar das reuniões para se organizar, a preocupação do ativista foi tamanha que ele conseguiu participar de uma das reuniões e distribuiu cartilhas de “cultura de segurança”.

O entrevistado 4 avalia a “imitação” do bloco menor em relação ao maior, ele diz que muitos militantes conhecidos dele afirmam que o black bloc só chegou aonde chegou por causa dos desconhecidos que participaram da tática e diz que concorda, mas com uma ressalva, a tática alemã chegou aonde chegou por causa dos que tinham conhecimento sobre a “tática, teoria e prática anarquistas” (FERNANDES, 2016, p. 136).

Ele embasa sua fala relacionando-a à destruição causada durante as manifestações em Belo Horizonte, próxima ao Mineirão, “pequenos negócios foram depredados, junto com as concessionárias e os bancos na avenida Antônio Carlos”, no caminho de volta ao centro, “o grupo de pessoas em confronto com a polícia era menor, os alvos foram mais selecionados – equipamentos de obras do MOVE, radares”, e no centro, Praça Sete e ao redor, “as bancas de jornais, as lanchonetes, os bares, ficaram intactos, enquanto os bancos da região foram atacados” (FERNANDES, 2016, p. 136). As destruições, pelo menos em parte, refletem muito das entrevistas realizadas pelo sociólogo Victor Fernandes e traz à tona o problema de vários blocos estarem no mesmo espaço, alguns organizados e outros desorganizados. A auto-organização de um bloco traz à tona qual é o nível de organização ou desorganização das pessoas envolvidas e os objetivos e os motivos que os levaram à ação direta.

Coletivos anarquistas do eixo atlântico-norte (Estados Unidos-Canadá-Europa) produziram manuais que deixaram claro o que é a militância libertária e um black bloc e como se preparar e o objetivo da ação direta; um manual é do coletivo GMAC (*Green Mountain Anarchist Collective*) que trata sobre a organização de um black bloc como estudar confrontos de rua, treinamento físico e quando e por qual motivo o bloco será necessário em determinado momento, o texto detalha qual é a finalidade dos grupos de afinidade, a responsabilidade de cada pessoa e a quantidade de pessoas que devem participar. Os grupos de afinidade, por exemplo, devem ter aproximadamente doze pessoas e são responsáveis pelos entornos do protesto, isto será decidido através de uma reunião.

As doze pessoas devem se reunir em quatro grupos de três e deverão ser

Posicionadas da seguinte forma: 1 – uma pessoa posicionada dentro dos limites específicos do perímetro de seu subgrupo, pelo qual ela estará diretamente responsável; 2 – uma pessoa no meio do bloco, onde ela poderá se comunicar com integrantes de outros subgrupos; 3 – uma pessoa ficará responsável por ser a mensageira entre quem estiver como comunicador entre subgrupos e o responsável por manter o perímetro de seu próprio subgrupo (FERNANDES, 2016, p. 137).

Os entrevistados 5 e 6 descrevem as organizações que ajudaram a construir, igual ou semelhante a esse tipo de organização acima, essa requer uma definição sobre o black bloc e o anarquismo, reuniões com várias pessoas com intenção de organizar blocos e esclarecer sobre a tática alemã, por exemplo, cada bloco ter doze pessoas no máximo.

Segundo o sociólogo Victor Fernandes (2016, p. 139) há “duas possíveis deduções quanto aos objetivos que perseguiam lançando mão da ‘tática’”: a primeira, a tática possibilita aos manifestantes resistirem ao Estado e ao sistema capitalista seja atacando propriedades públicas e privadas ou confrontando a polícia, isto promove “propaganda pela ação”, essa é uma definição sobre os black blocs; a segunda, as pessoas que participam das ações diretas tanto têm objetivos e ideias diferentes quanto participam de grupos de afinidades diversos, isso esconde as identidades dos militantes e gera o anonimato, mas faz também com que as ações organizadas pelos blocos esclareçam o que eles desejam.

Os entrevistados 1 e 5 (FERNANDES, 2016, p. 139-40) concordam que o black bloc é formado por pessoas anarquistas que querem enfrentar a polícia e destruir o capital de forma simbólica, a 5 ainda legitima a ação direta e acredita que a “propaganda pela ação” é importante para o anarquismo, o entrevistado 2 também defende os black blocs como tática, as ações desses como propaganda e autodefesa do bloco e dos outros, mas, há contrariedade ao explicar os objetivos das ações de destruição de propriedades.

A entrevistada 6 defende que os black blocs são importantes na luta revolucionária, isso vai depender apenas da hora e do lugar em que a tática será usada. O entrevistado 3 demonstra dúvida sobre se os black blocs estão ou não ultrapassados, não obstante acha “bonito” a “violência política” contra símbolos do capitalismo, essa acredita que

Se a favela descer vai ser o black bloc descendo, eu imagino isso, entendeu? O cara tem que descer dessa forma [...]. É guerra civil mesmo. Sobre o black bloc, eu não refleti muito sobre ele não, entendeu? [...] Eu não vejo ele [black bloc] num cenário político, entendeu? Black bloc lá, no cenário político. Eu vejo mais como um querer fazer revolução, querer mudar mesmo, entendeu? Eu vejo ele assim (FERNANDES, 2016, p. 141).

As ações diretas podem ser mais eficazes caso haja uma organização prévia, o esclarecimento sobre o que fazer coletivamente e individualmente e dos riscos de se manifestar assim podem trazer mais tranquilidade aos participantes, talvez até aumente a solidariedade. As destruições de patrimônios públicos e privados refletem o nível de organização e consciência dos black blockers, os mais organizados destroem grandes empresas e bancos e justificam as ações, já os desorganizados, pequenos comerciantes e espaços de uso coletivo como praças por pura emoção, isso acaba jogando a opinião pública contra os participantes. Os manuais lançados por coletivos para discutir os limites e as possibilidades da tática são importantes para melhorar a organização e entendimento sobre o que fazer nos protestos.

### **Violência, relações de gênero e conflitos internos**

A violência dos black blocs pode ser explorada a partir de três visões diferentes: a primeira, a partir da mídia, “os black blocs promovem uma espécie de batalha campal nas ruas, engendrando o caos e prejuízos de todo tipo ao estado, à iniciativa privada, aos movimentos sociais e às pessoas nas manifestações” (FERNANDES, 2016, p. 142), ou seja, a mídia trata-os como pessoas doentes com comportamentos “imorais”; a segunda, a partir dos black blockers, eles talvez não sejam violentos porque

Não causam dor ou dano material a outros seres vivos, limitando-se a defender-se da violência arbitrária de seus opositores. De resto, black blocs adotariam repertórios de ação mais voltados para o confronto (o que inclui, por exemplo, a eventual libertação de detidos em protestos) e operariam atos “puramente simbólicos” (FERNANDES, 2016, p. 142).

Os entrevistados afirmam que os black blocs são violentos, mesmo as ações não sendo voltadas para o confronto com o Estado, eles podem fazer também a proteção da manifestação arrodando os manifestantes sem destruir nada ou atacar ninguém. O entrevistado 3 e 6 são exemplos disso (FERNANDES, 2016, p. 143), o Entrevistado 3 fala sobre a luta contra a polícia nas manifestações que participou e afirma que a intenção não era de autodefesa e sim, vingança por causa da violência à qual estavam expostos durante o percurso do ato; a entrevistada 6, que se autoafirma leitora do filósofo anarquista italiano Errico Malatesta e se autodenomina “anarquista social”, acredita que o black bloc é violento e isso pode atrapalhar as lutas, não obstante, destaca que a violência ocasional, que depende da conjuntura, pode fazer o Estado voltar atrás e aumentar as conquistas.

Os entrevistados 1 e 5 (FERNANDES, 2016, p. 143-4) tratam o black bloc de forma diferente, o 1 define o black bloc como uma tática autodefensiva e não problematiza a “violência política” dos mascarados; a 5 classifica o black bloc como algo que traz à tona “violências invisíveis” e naturalizadas que as pessoas sofrem diariamente. Valerio D’Angelo (FERNANDES, 2016, p. 144) analisa a violência do black bloc na mesma linha da entrevistada acima, como uma “violência visível”, subjetiva (ZIZEK, 2014, p. 17), que se opõe à “violência invisível”, sistêmica (ZIZEK, 2014, p. 18), e naturalizada.

O antropólogo David Graeber (FERNANDES, 2016, p. 145) participou do protesto contra a reunião do Partido Republicano dos Estados Unidos no ano 2000, ele estava próximo a um black bloc e à barricada feita pela polícia estudunidense, alguns policiais se infiltraram no meio dos black blockers e uma confusão foi iniciada ao serem encontrados. A polícia começou a jogar bombas de gás lacrimogênio e tentar deter as pessoas, estas resistiram e os blocos lutaram contra os agentes do Estado, os black blockers tiveram sucesso no confronto, as pessoas não foram detidas e depois eles causaram destruição, fizeram algumas pichações por onde passavam, correram e o antropólogo foi junto.

O sociólogo Francis Dupuis-Déri traz algumas críticas em relação aos black blocs sobre o machismo. Ele diz que várias pessoas veem a ação violenta como majoritariamente masculina e que exclui as mulheres da participação, outros, que a destruição que eles causam expressa e aumenta uma violência masculina. Ele relata que:

Dirigindo-se a mulheres e homens em redes militantes, algumas feministas denunciaram a monopolização que os homens fizeram dos black blocs e estimularam as mulheres a participar. Por exemplo, para articular seu desejo de inclusão e diversidade nesse tipo de ação coletiva, Tute Nere, um grupo de feministas revolucionárias italianas, criou o lema “Black Bloc – não só para o seu namorado!” (FERNANDES, 2016, p. 145).

Graeber relata que viu solidariedade dos black blockers, mas não é o que relatam as entrevistadas 5 e 6 (FERNANDES, 2016, p. 145-6), a primeira relata que a solidariedade do bloco não era com todos e sim com os homens, as pessoas e mulheres fora do “ciclo de amizade” dos black blockers tiveram que fazer coisas não combinadas, às mulheres, por exemplo, foram “designadas” a observarem os que se feriam; a segunda expõe que saiu do coletivo que participava porque os homens não tratavam as mulheres de uma maneira amigável, alguns desses participaram de black blocks em Belo Horizonte, outros militantes acabaram também expondo aqueles black blockers por causa da forma autoritária que foi

conduzida a mobilização para participar da tática, uma reunião supostamente para “se prepararem”.

Esses problemas nas reuniões dos black blocks foram causados por causa da criação de uma “subidentidade” dentro da identidade, a Entrevistada 4 (FERNANDES, 2016, p. 145-6) dá um bom exemplo ao explicar que os black blocs de Belo Horizonte não se viam como iguais e sim divididos em *baby* e *black*, uma classificação para mostrar quem é mais “black block”, a partir disso, os ativistas dos black blocks desorganizados geraram situações que incomodaram durante os protestos, enquanto em outros lugares, ativistas dos black blocs organizados conseguiram se organizar e se reunir dias ou horas antes das manifestações para definir o que seria feito durante os atos.

Fernandes critica os black blocks belo horizontinos, especificamente os “habitados” às “práticas anarquistas”, que se organizaram antes e colocaram às próprias vidas e as dos outros manifestantes em risco

Em função de militantes que não puderam abrir mão de elementos constituintes de suas identidades enquanto grupos de afinidade. Não só entraram em conflito interno, sobrecarregando, através de processos informais, determinadas militantes com algumas tarefas, como também apartaram-se de outros black blocs, criando celeumas cuja utilidade para a ação direta não nos é clara (FERNANDES, 2016, p. 148).

Fernandes (2016, p. 148-9) chegou às seguintes conclusões sobre os black blocs: várias pesquisas trazem mundialmente algumas características comuns sobre os black blockers, os resultados disso são grupos de afinidade unidos, cooperando uns com os outros, o anarquismo alavancou isso, e saindo às ruas para criticar o Estado e o sistema capitalista; os black blocs expressariam uma organização sem liderança, decisão coletiva, independente e uma “violência política”, que traz à luz as violências do dia a dia que ajudam a manter a ordem, através do anonimato, então, o black bloc é uma tática.

Os black blocs não agem por impulso e dependem da conjuntura para agirem, essa mudança mexe nos blocos e os fazem seguir, segundo Fernandes, mais uma ideia do que outra, se serão organizados ou espontâneos tanto por causa da conjuntura e de situações específicas quanto por parte dos grupos de afinidade e os princípios destes.

Em Belo Horizonte (FERNANDES, 2016, p. 149), os movimentos e suas lutas por melhorias no social acabaram influenciando as Jornadas de Junho de 2013 e os black blocs surgiram e ficaram conhecidos no Brasil naquele momento. Eles se mobilizaram por meio de tanto de grupos de afinidade quanto por utilizarem ideias que caracterizam um movimento

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

social como planejar as ações, pensar em formas de ajudar coletivamente e tratamento igualitário procurando chegar a uma identidade e um objetivo coletivos.

Fernandes (2016, p. 149-50) retoma a expressão “processo de imitação” para afirmar que militantes participam de black blocs por causa “da comunicação de afetos, emoções e entendimentos em redes sociais em vista de determinado evento de protesto no qual há presença de blocos” e isso é aumentado com a ajuda das tecnologias de informação, que aceleraram a maneira como nos comunicamos, as diversas formas de mobilizar a partir têm como consequência comportamentos diferentes nas ruas.

Ainda na capital mineira (FERNANDES, 2016, p. 150-1), grupos de afinidade se organizaram de modo espontâneo e uniram-se a militantes por meio do “processo de imitação”, os “militantes organizados” colocaram suas táticas em prática, a consequência disso foram ações diretas não tão ligadas tanto as relações temporárias-voluntárias quanto a ideia coletiva de ação direta. As relações dos black blocs belo horizontinos de classes privilegiadas e não privilegiadas vão na contramão do que é defendido pelo militante anarcopunk A. K. Thompson de que o black bloc é uma tática de classe média branca universitária, entretanto, as diferenças tanto de gênero quanto de classe do black bloc mineiro são claras.

As ações diretas empregadas pelos black blocs da capital mineira não se limitavam a se autodefender e aos outros manifestantes; em relação a “violência política”, os blocos não atacam pessoas, comércios pequenos e propriedades coletivas usadas pelo povo como escolas e hospitais, isto não seria legitimado, e há também a ideia de que a transformação social só virá através da violência, esta usada em qualquer conjuntura separa os manifestantes, sejam militantes ou ativistas, porque afasta a população das organizações e manifestações, além de ser vista como atitude irracional. Logo, os black blocs são o resultado da união de diversos elementos diferentes como, por exemplo, as militâncias organizadas e os grupos espontâneos, os blocos são mais complexos de entender e não se limitam a esses exemplos.

A violência do black bloc pode ser entendida a partir dos diversos discursos como os dos jornalistas de mídias conservadoras que costumam descaracterizá-los e deslegitimá-los com palavras pejorativas como “baderneiros” e “vândalos” e, para completar, dão voz a “líderes” de movimentos sociais ligados a partidos progressistas, policiais e políticos para dissociar os “pacifistas” dos “violentos”, os “legítimos” dos “ilegítimos”. Mas também dos ativistas e militantes, muitos manifestantes dentro ou fora dos black blocs afirmam que a

tática é violenta, de fato é, mas, quando estão confrontando pessoas apenas, não quando estão quebrando objetos.

As desigualdades de classe ou/e gênero dependerão do black bloc formado, isso deve ser estudado a partir do lugar e da conjuntura, por exemplo, black blocs formados hoje na Alemanha e na França podem ter mais mulheres que homens que esses no Brasil, as classes mais baixas pode ser mais presentes que as mais altas, as suas ações não são irracionais e muito menos eles são ligados a um grupo, classe ou etnia específicos e a “violência política” não deve ser tratada como simples “fetiche” ou “pura emoção” extravasada.

### **Considerações finais**

As motivações que levaram os entrevistados a aderirem a tática black bloc gira em torno de críticas ao capitalismo e ao Estado, a partir de simbolismos de destruição de patrimônios que os representam, autodefesa dos manifestantes, se voluntariando para servirem de proteção contra a violência estatal, e vingança por conta da violência sofrida nas manifestações por parte da polícia.

É perceptível as diversas divergências existentes quanto a utilização e organização da tática, assim como a noção de organização, por exemplo, de cada um, às vezes pendendo para uma valorização da espontaneidade e outras, destacando a importância da organização para a segurança de todos os adeptos à tática e a efetividade da mesma. Apesar das críticas dos próprios black blocs quanto a reuniões e atos que participaram enquanto bloco, há um consenso em defesa da tática contemplar organização, segurança e atingir os objetivos de proteção dos manifestantes, críticas ao sistema político-econômico vigente, vingança a repressão do Estado. Alguns ainda reivindicaram uma forma efetiva de propagandear a ideologia que se identificam, o anarquismo.

A partir dos relatos, também é possível concluir que a composição do black bloc não se limita a pessoas privilegiadas por cor ou/e classe, englobando diversos moradores de periferia, trabalhadores autônomos, assim como mulheres, negros, mas também estudantes universitários e pessoas com ensino superior completo. Apesar de majoritariamente se identificarem como anarquistas e de muitos destes serem militantes, há quem se reivindique amilitante, em contraposição aos organizados em coletivos libertários, como também apolítico.

## Referências

- FERNANDES, V. J. A. **Fragmentos de revolta**: apontamentos sobre a insurgência de black blocs em Belo Horizonte. 2016. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- LUDD, N. (Org.). **Urgência das Ruas**: Black Bloc, Reclaim the Streets e os Dias de Ação Global. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.
- MARTINS, A. M. R. A rebeldia e a arte dos “malditos” anarquistas. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 01, n. 24, p. 1-27, set. 2004.
- ZIZEK, S. **Violência**: seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo, 2014.